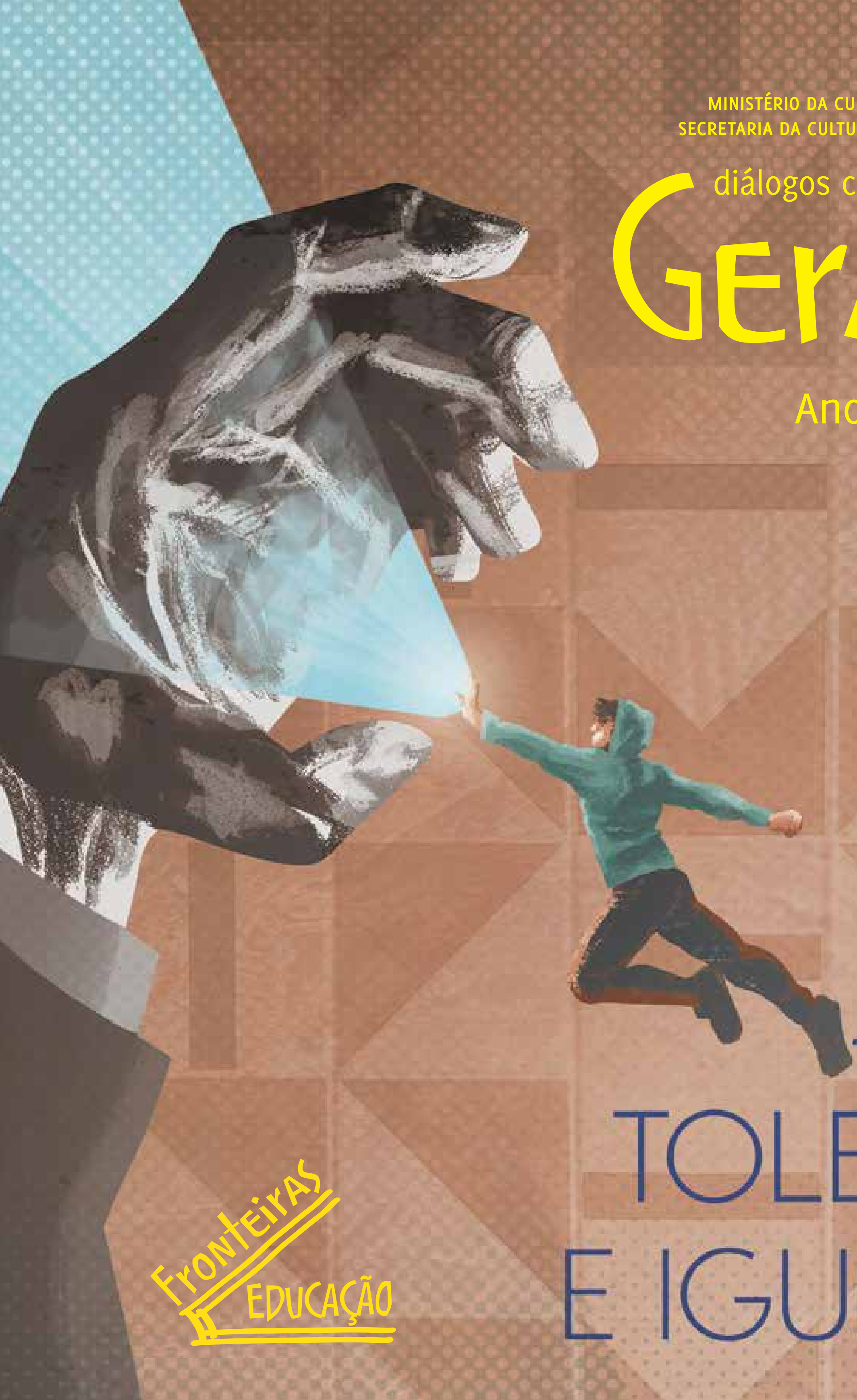
MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
SECRETARIA DA CULTURA, UNIBES CULTURAL E BRASKEM APRESENTAM

diálogos com a

Geração Z

Ano 9 | #02 | 2018



JUSTIÇA, TOLERÂNCIA E IGUALDADE

Fronteiras Educação

A primeira lei da natureza

No século XVIII, seguindo os passos de John Locke, que escreveu *Cartas sobre a tolerância*, François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo de Voltaire, produziu dois ensaios sobre o tema. No primeiro, incluiu no seu *Dicionário filosófico*, de 1764, o verbete "tolerância". No segundo, elaborou um tratado sobre este conceito para defender Jean Calas, um burguês protestante que foi condenado devido à intolerância religiosa e perdeu os bens e a vida.

Voltaire escreveu em seu dicionário a seguinte definição para "tolerância": "É o apanágio da humanidade. Somos todos cheios de fraquezas e de erros; perdoemo-nos reciprocamente as nossas tolices, tal é a primeira lei da natureza".

Além do seu *Tratado sobre a tolerância*, ele também abordou a questão nas *Cartas inglesas ou cartas filosóficas*, em *O túmulo do fanatismo* e em *O filósofo ignorante*. A defesa da tolerância, da liberdade e da justiça está presente em toda a obra do filósofo francês iluminista, e suas ideias continuam relevantes para entendermos muitos acontecimentos recentes.

Nos últimos anos, a intolerância tem se manifestado publicamente em diversos acontecimentos: atentados em muitos países, guerras civis, rejeição a movimento migratório ao redor do mundo, fronteiras fechadas para os refugiados, casos de preconceito e violência no Brasil e ataques à liberdade de expressão. Mais do que nunca (e cada vez mais), precisamos resgatar os preceitos da tolerância e do respeito. Este fascículo do *Diálogos com a Geração Z* segue esta proposta: promover o debate e resgatar a disposição ao pensamento e à convivência com as diferenças.

A construção da felicidade

Cada pessoa tem sonhos, metas e desejos particulares em suas vidas. De forma geral, todos eles se resumem a um único propósito: ser feliz. Todo mundo quer alcançar a felicidade. Quando desejamos estudar em uma universidade, por exemplo, nosso objetivo a longo prazo é conseguir trabalhar com algo que nos traga felicidade, seja pela realização pessoal ou pelo retorno financeiro. Mesmo no curto prazo, sempre buscamos aquilo que nos trará mais satisfação: fazemos isso o tempo todo, sem percebermos, quando decidimos o que comer ou o que fazer no final de semana.

No entanto, já dizia a canção de Tom Jobim: é impossível ser feliz sozinho. O ser humano é, afinal, um ser social – vivemos cercados de outras pessoas, em contato constante, travando relações e coexistindo em um mesmo ambiente. Assim, a nossa felicidade depende também da felicidade dos que nos cercam: amigos, parentes, namorados e namoradas, vizinhos etc. E para que todos possam ser felizes, é fundamental que respeitemos as diferenças de cada um e seus propósitos na vida, mesmo quando não somos capazes de entendê-los muito bem.

Assim, não é por acaso que, na maior parte dos casos, a felicidade é construída socialmente. Quando estamos cercados de pessoas felizes, é mais fácil que também nos sintamos dessa forma. É por isso que um ambiente seguro, onde as pessoas são livres para buscar sua realização sem se sentirem ameaçadas (por violência, preconceitos ou discriminações), permite um índice de satisfação muito maior do que aqueles onde todos devem seguir um mesmo padrão imposto de fora.

Aí entra o papel da tolerância: ela abarca todo esse processo de respeitar os objetivos dos outros, buscando compreendê-los. A tolerância é a chave para uma vida mais justa e fraterna em sociedade, e pode impactar de forma positiva a vida de todos os indivíduos.

#Tom Jobim
(1927-1994)
Um dos mais importantes compositores brasileiros. A canção mencionada se chama *Wave*.

#tolerância
Termo que tem sua origem no latim *tolerantia*, que significa "suportar um peso" ou "suportar algo de forma constante".

A prática da tolerância é diária e constante. Quando temos um irmão ou um primo recém-nascido que nos acorda com o seu choro, por exemplo, não descontamos nele nosso incômodo, porque sabemos que ele não é capaz de evitá-lo. Em situação distinta, se temos um amigo que não escuta os mesmos gêneros musicais que nós, não terminamos a amizade por causa disso: simplesmente encontramos a melhor maneira de conciliar as preferências, evitando escutar música junto com ele ou revezando as *playlists* feitas por cada um durante uma festa ou um churrasco.

Os exemplos acima nos mostram que, mesmo nas situações mais banais, a tolerância desempenha um papel fundamental para a vida em sociedade. No entanto, isso também ocorre com questões muito mais complexas, como no caso das diferenças religiosas e políticas. O fato é que vivemos cercados de pessoas de todos os tipos, muitas vezes com crenças e visões de mundo diferentes das nossas, e aprender a conviver com isso é um dos grandes desafios do mundo contemporâneo.

Isso, contudo, está longe de ser novidade: na Idade Média, Tomás de Aquino já estudava a tolerância, que considerava ser algo semelhante à paciência. Era uma visão referente à sua época, em que diferentes religiões passaram a coexistir nas cidades que começavam a surgir – algo quase inédito até então. Há também antigo ditado em francês que explorava os limites dessa ideia: "Tolerância não é liberdade total". Ou seja: a tolerância exige que sejam aceitas as diferenças, mas não significa que cada um possa fazer o que bem entender.

Chegamos, assim, na acepção atual do conceito. Hoje, entendemos a tolerância como "tendência a admitir, nos outros, maneiras de pensar, de agir e de sentir diferentes – ou mesmo diametralmente opostas – às adotadas por si mesmo". Em outras palavras, é uma aceitação das diferenças dentro dos limites razoáveis estabelecidos em nossa sociedade, que permitem que todos vivam juntos evitando conflitos de qualquer natureza.

#Tomás de Aquino
(1225-1274)
Frade católico e filósofo italiano, um pensador de grande importância para a filosofia e teologia ocidentais.

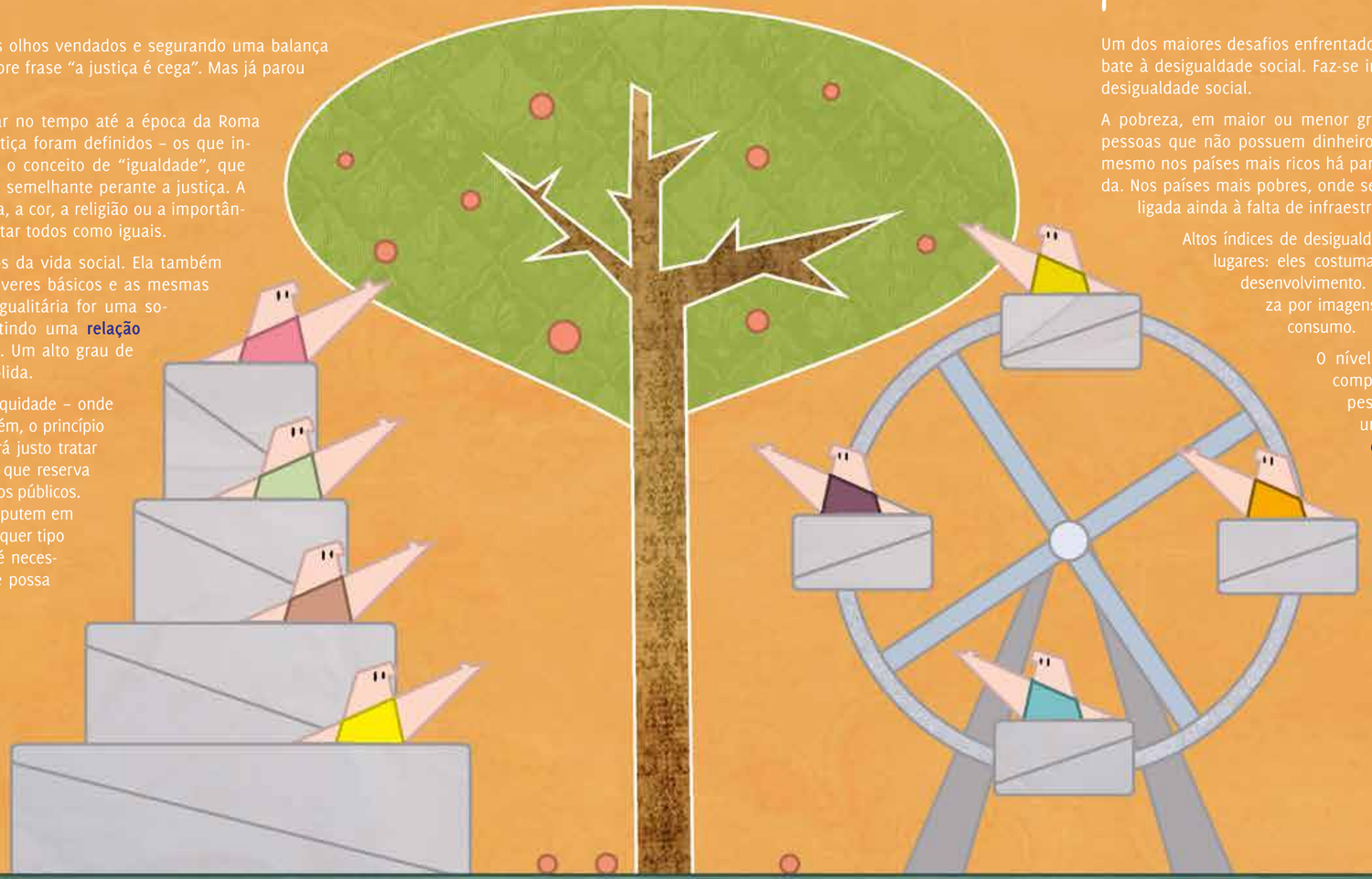
Igualdade entre os cidadãos

Você já deve ter visto a estátua de uma mulher com os olhos vendados e segurando uma balança para representar a justiça. E certamente já ouviu a célebre frase “a justiça é cega”. Mas já parou para pensar o quê isso quer dizer?

Para entendermos esses significados, precisamos voltar no tempo até a época da Roma Antiga. Há 2 mil anos, alguns princípios básicos da justiça foram definidos – os que influenciam a nossa vida até hoje. O mais importante é o conceito de “igualdade”, que determina que todos os cidadãos devem ter tratamento semelhante perante a justiça. A justiça seria cega: ela não deve levar em conta a riqueza, a cor, a religião ou a importância de uma pessoa. Sua missão é ater-se aos fatos e tratar todos como iguais.

O conceito de igualdade se estende a diversos aspectos da vida social. Ela também significa que todos devem ter os mesmos direitos e deveres básicos e as mesmas oportunidades de viver e se expressar. Quanto mais igualitária for uma sociedade, mais justa e democrática ela será, não existindo uma **relação hierárquica** entre os diferentes grupos que a compõem. Um alto grau de diversidade é sempre um indício de uma democracia sólida.

Modernamente, se entende que, além do princípio da equidade – onde todos são iguais perante a lei –, há que se respeitar, também, o princípio da igualdade material. Isso significa que nem sempre será justo tratar as pessoas da mesma forma. Pense, por exemplo, na lei que reserva vagas para pessoas portadoras de deficiências em concursos públicos. Como exigir que um deficiente visual ou um cadeirante disputem em pé de igualdade uma vaga com pessoas que não têm qualquer tipo de deficiência? Casos assim demonstram que, às vezes, é necessário tratar os diferentes de forma diferente, para que se possa minimizar desigualdades pré-existentes.



#relação hierárquica
É uma relação em que diferentes grupos de pessoas têm direitos e tratamentos distintos e onde um grupo se fortalece como dominante. Um exemplo é o Brasil do período colonial, antes da abolição da escravatura.

Um desafio para a democracia

Um dos maiores desafios enfrentados pela democracia em nossa sociedade é o combate à desigualdade social. Faz-se importante entender a diferença entre pobreza e desigualdade social.

A pobreza, em maior ou menor grau, existe em qualquer país: ela afeta aquelas pessoas que não possuem dinheiro suficiente para suprir as suas necessidades, e mesmo nos países mais ricos há parcelas (ainda que pequenas) da população atingida. Nos países mais pobres, onde se trata de um problema generalizado, pode estar ligada ainda à falta de infraestrutura e a uma história de exploração e violência.

Altos índices de desigualdade social, por sua vez, não existem em todos os lugares: eles costumam ser verificados principalmente nos países em desenvolvimento. Um cenário de grande desigualdade se caracteriza por imagens contrastantes de qualidade de vida e hábitos de consumo.

O nível de desigualdade social, portanto, é um valor comparativo: ele revela a diferença de renda entre as pessoas mais ricas e as mais pobres que vivem em um mesmo lugar. Ela pode ser medida pelo **Índice de Gini**. Em 2017, o índice do Brasil era de 0,561, representando uma queda na classificação correspondente à diferença entre ricos e pobres.

Para que a nossa sociedade seja capaz de oferecer igualdade de oportunidades a todos, a criação de estratégias de combate à desigualdade social é imprescindível.

#Índice de Gini
Utilizado para medir o nível de desigualdade social dos países. Varia de 0 a 1: quanto mais próximo de 1, maior é o índice de desenvolvimento do país.

O que são o bem e o mal? Como saber o que é justo e o que não é? Embora estas sejam questões com as quais nos deparamos todos os dias, elas vêm sendo feitas pela humanidade há milhares de anos.

Não chega a ser surpreendente: a vida em sociedade gera atritos, é inevitável. Vivemos rodeados de pessoas de quem gostamos e, mesmo assim, o convívio diário faz com que surjam desentendimentos.

Cada pessoa é diferente das outras. E o mundo seria menos interessante se todos pensássemos da mesma maneira. Mas os seres humanos logo perceberam que era preciso criar regras para que a vida em conjunto funcionasse melhor. Assim, todos saberiam a maneira de agir, e quem insistisse em fazer de outra forma seria responsabilizado, tendo que restaurar o dano ou enfrentar uma punição. Assim surgiram as leis, que variam de acordo com a época, o país, o estado e mesmo a cidade em que cada um vive.

REALIDADES DIFERENTES, REGRAS DIFERENTES

Existem diversas razões para que as leis não sejam iguais em todo o mundo, pois cada comunidade tem necessidades específicas. Por exemplo: em uma cidade que fica próxima a um deserto, é preciso controlar o consumo de água para que todos tenham o suficiente para beber. Ou, em estados onde há espécies ameaçadas de extinção, é importante proibir a caça para garantir a sobrevivência desses animais.

Além da localização geográfica, fatores culturais também influenciam as leis. Um desses fatores é a religião. Os muçulmanos, por exemplo, só comem carne bovina se o abate do animal for feito de uma determinada maneira, e por isso os países que seguem essa religião determinam regras específicas para este tipo de produção alimentícia.

O mesmo vale para as diferentes épocas. Hoje em dia, há leis que regulamentam o que se pode e o que não se pode fazer na internet. É claro que essas leis não existiam há 50 anos... afinal, nem havia internet!

RELATIVISMO X UNIVERSALISMO

Mas, se existem leis diferentes para tratar de um mesmo assunto, isso quer dizer que nem todas as leis promovem o que é justo – o "bem"? Essa é outra pergunta com milhares de anos. Na Grécia Antiga, ela motivou grandes debates entre o filósofo Sócrates e os adeptos do *relativismo*.

Os relativistas defendiam a ideia de que não existem valores absolutos: o que é justo ou correto para um grupo de pessoas pode não ser para outro. Sócrates se opunha a esse princípio, defendendo que os filósofos deveriam buscar as *verdades universais*, aquelas que valem para qualquer lugar e época. Para isso, utilizava um método de discussão inovador baseado no diálogo: ele fazia perguntas simples, ligadas ao cotidiano das pessoas com quem conversava, e deixava que elas percebessem sozinhas suas próprias contradições.

Nossa sociedade foi influenciada por esses dois modos de pensar. Por um lado, o fato de cada país criar as suas leis e não interferir nas dos demais é uma herança do relativismo. No entanto, isso não quer dizer que cada país possa fazer o que bem entender: existem alguns direitos universais, chamados de Direitos Humanos. São garantias básicas como o direito à vida, à liberdade de pensamento e de seguir qualquer religião ou de não seguir religião alguma. Eles deveriam servir de referência para todas as leis existentes no mundo. Sócrates diria que eles se baseiam em *verdades universais*. Ideias de um homem que viveu há cerca de 2.500 anos e que ainda influenciam a vida de todas as pessoas.

#Sócrates
(469-399 a.C.)
Filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. É considerado um dos fundadores da filosofia ocidental.

#Direitos Humanos
São os direitos básicos de todos os seres humanos, como direitos à vida, à propriedade, liberdades de pensamento, de expressão, de crença, igualdade formal, entre outros. A Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que: "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade".

Nativos, imigrantes e refugiados

O artista plástico chinês Ai Weiwei utiliza a sua arte para obrigar o mundo a pensar e a resolver a questão dos refugiados. Seu projeto mais recente aborda a crise de refugiados em 23 países, tema de seu filme *Human Flow – Não Existe Lar se Não Há para Onde Ir*, de 2017.

A convivência nos centros urbanos de imigrantes de diferentes partes do mundo gera novos desafios sociais, bem como a importância do exercício da tolerância neste contexto. O fato é que existem maneiras de reduzir esse tipo de atrito através de políticas governamentais que orientem a população a lidar com as diferenças culturais e estimulem o contato dos grupos que habitam uma cidade para reduzir a ignorância e promover o convívio.

A situação também é delicada quando se trata de refugiados: aqueles que, ao contrário dos imigrantes, não têm mais a opção de viver em seus países e fogem às pressas de conflitos armados ou de perseguição política, étnica e religiosa. Ao contrário dos migrantes, cujo fluxo pode ser controlado, os refugiados chegam em situação de desespero, deixando tudo para trás, e em grande quantidade – por isso, preparar os nativos e as instituições para recebê-los é um desafio muito maior.

#Ai Weiwei
(1957)
Artista plástico, designer e cineasta chinês. Autor de obras irreverentes, utiliza o cinema e a internet como instrumentos de ativismo e de crítica ao governo da China e à crise da Europa. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2018.

A crise nas fronteiras

A Europa é o destino mais comum para aqueles que fogem de conflitos como o da Síria. O continente atravessa um momento político conturbado devido à chegada dessas pessoas, que se deu repentinamente e em grande número. Uma de suas consequências foi o Brexit, motivado em parte por um receio da população do Reino Unido em receber mais estrangeiros.

Medidas drásticas vêm sendo tomadas para impedir os refugiados de entrar na Europa. A construção de um muro em Calais, no sul da França, chegou a ser anunciada. Muitos também tentam acessar o continente por via marítima, em embarcações improvisadas que tentam ir da África à Itália. Essas viagens são normalmente agenciadas por aproveitadores e se realizam sem qualquer garantia de segurança. Muito frequentemente, as embarcações afundam e há muitos mortos.

Um dos principais motivos para a resistência dos europeus em receber esses refugiados tem origem no preconceito: parte da população europeia acredita que, por serem em sua maioria muçulmanos, os sírios são todos extremistas religiosos e, portanto, terroristas em potencial. Há também um temor de que a economia europeia, ainda enfraquecida pela crise de uma década atrás, não seja capaz de absorver tantos trabalhadores.

No entanto, há vozes mais otimistas. Uma delas é a de Mary Robinson, que vê na chegada dos refugiados uma possível solução para problemas que há muito assolam a Europa: o envelhecimento da população e a baixa taxa de natalidade. Ela acredita que, com políticas adequadas, os europeus poderiam oferecer abrigo aos refugiados e fortalecer a sua economia sem abrir mão de suas tradições; algo que, conforme ela lembra em alguns de seus pronunciamentos, já ocorre em países mais pobres, como a Etiópia e a Jordânia.

#Brexit
Nome pelo qual se designa a saída do Reino Unido da União Europeia, um processo político que ainda se encontra em andamento. A decisão foi tomada por plebiscito, no qual a maior parte da população votou a favor da saída da UE.

#Mary Robinson
(1944)
Diplomata e ex-presidente da Irlanda, tem o estudo dos fluxos migratórios como um de seus principais interesses. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2016.

O equilíbrio da cidadania

Segundo o dicionário, cidadania é a condição legal que dá a uma pessoa o direito de votar, receber atendimento de saúde nos hospitais do governo e estudar em escolas ou universidades públicas, dentre outras coisas.

A cidadania pode ser pensada como uma espécie de contrato, através do qual cada cidadão se compromete a cumprir uma série de obrigações em troca de determinados direitos. Também ouvimos falar que alguém "exerceu sua cidadania" quando fez as suas obrigações ou quando exigiu os seus direitos.

Muitas vezes, direitos e deveres têm uma relação direta. Assim como nenhum cidadão deve roubar os pertences de outro, todo cidadão tem o direito de não ter os seus pertences roubados. Nestes casos, os direitos e deveres são ditados pela lei. Mas também existem outros tipos de direitos: morais, religiosos etc. Ninguém será preso caso deixe de ajudar um idoso a atravessar a rua, mas isso não quer dizer que sua atitude seja moralmente correta.

A cidadania funciona melhor em situação de igualdade, com todas as pessoas podendo exercê-la, para um bom funcionamento da sociedade. Pode parecer que separar o lixo orgânico do reciclável na sua casa não fará diferença para o meio ambiente – mas, se todos o fizerem, o impacto positivo será imenso. Por outro lado, se alguém não respeitar os direitos de outra pessoa poderá ter os seus direitos reduzidos. A igualdade entre direitos e deveres, portanto, é uma das condições básicas para a cidadania plena.

Direitos e deveres...

Os direitos e os deveres intermediam as relações interpessoais, sendo ameaçados quando há uma imposição do individualismo. Em parte, o que nos leva a cumprir com nossos deveres é também a preocupação com os outros.

Ao cometer um ato de vandalismo, como quebrar uma placa ou atirar pedras em um ônibus, o responsável pela infração não prejudica apenas uma pessoa, mas todas as que vivem naquela cidade. Nós pagamos pelos bens públicos através dos impostos, e devemos cuidar deles – afinal, de certa forma, eles são nossos.

O exercício da cidadania é, portanto, ao mesmo tempo um gesto de interesse pessoal e de cuidado com o outro. Mas para que tudo funcione bem, é fundamental conhecermos nossos direitos e obrigações.

...em casa

- Devemos respeitar a família.

- Cooperar para o bom funcionamento e organização da casa é dever de todos.

- É seu direito expor sua opinião, buscando resolver conflitos através do diálogo, mesmo que os demais nem sempre concordem.

...na escola

- Todo jovem tem direito de acesso à educação.

- O aluno tem o direito de ter sua crença religiosa ou de não ter crença e de ter suas opiniões respeitadas pelos colegas e professores. Da mesma forma, deve respeitar as opiniões e as crenças ou a descrença dos outros.

- É obrigação de todos cuidar do material e do espaço físico da escola. Lembre-se de que outros também os utilizam.

- É dever do aluno estudar todos os conteúdos, assim como é dever do professor explicar as matérias e responder às dúvidas que surjam.

...em sociedade

- Cabe a todos cumprir as leis e ajudar a cuidar do patrimônio público.

- Maiores de 16 anos têm direito a votar e escolher os representantes de nosso país.

- A partir dos 12 anos, adolescentes que cometem atos definidos como "infracionais" serão responsabilizados judicialmente. A depender da gravidade desses atos, podem cumprir medidas de privação da liberdade em instituições.

- É direito de todos exigir serviços de qualidade e fiscalizar as instituições públicas, bem como a atuação dos políticos eleitos.

PARA DEBATER E COMPARTILHAR IDEIAS

Esta é, talvez, a manifestação mais clara do exercício de tolerância em nossas vidas. A liberdade de expressão não apenas garante o nosso direito de pensar diferente e construir nossas próprias opiniões, mas também nos permite compartilhar essas ideias e debatê-las com outras pessoas. Em um mundo sem esse direito, não poderíamos questionar, argumentar ou criticar qualquer ação dos mais poderosos. Ou seja: um mundo de **autoritarismo**, em que nossa capacidade de tomar decisões por conta própria seria pouca ou inexistente. Por isso, muitos grupos e organizações lutam cotidianamente para garantir que a liberdade de expressão continue a existir.

No entanto, ela não é uma carta branca para dizermos o que bem entendermos. Como todos os grandes direitos, deve ser usada com responsabilidade. O objetivo desse mecanismo é garantir a tolerância e o convívio harmônico entre grupos diferentes, e seu limite é justamente esse: não temos o direito de propagar ideias que busquem violar os direitos de outros grupos. Assim, discursos de ódio e discriminação voltados contra grupos específicos – sejam eles de caráter religioso, étnico, cultural, de classe ou de gênero devem ser combatidos em todas as esferas da sociedade.

Nem sempre é fácil tratar esse limite. Nos últimos anos, têm sido frequentes os debates no Brasil sobre o direito dos humoristas de ofenderem ou não certos segmentos da sociedade. De modo geral, deve prevalecer o bom senso: se uma piada tiver consequências graves para determinadas pessoas, podendo promover até mesmo a violência física, ainda vale a pena fazer essa piada? Até que ponto é aceitável que um grupo se sinta ofendido, e a partir de quando isso se torna uma violação de direitos? Essas perguntas estão longe de terem respostas definitivas, e é importante que as opiniões de todos os envolvidos sejam levadas em conta.

#Autoritarismo
Um modo de governo autoritário é aquele em que todos os cidadãos são obrigados, de forma direta ou indireta, a demonstrar total obediência ao governo. Não há espaço para críticas ou questionamentos.

O CASO RUSHDIE

Salman Rushdie é um exemplo vivo dos riscos apresentados pelo cerceamento à liberdade de expressão. Autor de *Os versos satânicos*, publicado pela primeira vez em 1989, o britânico foi alvo de uma forte campanha de repressão movida por líderes religiosos, que chegaram a conclamar sua morte por causa desse livro. O caso é lembrado com frequência por aqueles que defendem a "liberdade de ofender" – são pessoas que, embora não sejam favoráveis à violência nem a qualquer tipo de perseguição, acreditam que não há problema em ofender os outros – a liberdade de expressão garantiria esse direito a todos, inclusive àqueles que se sintam ofendidos.

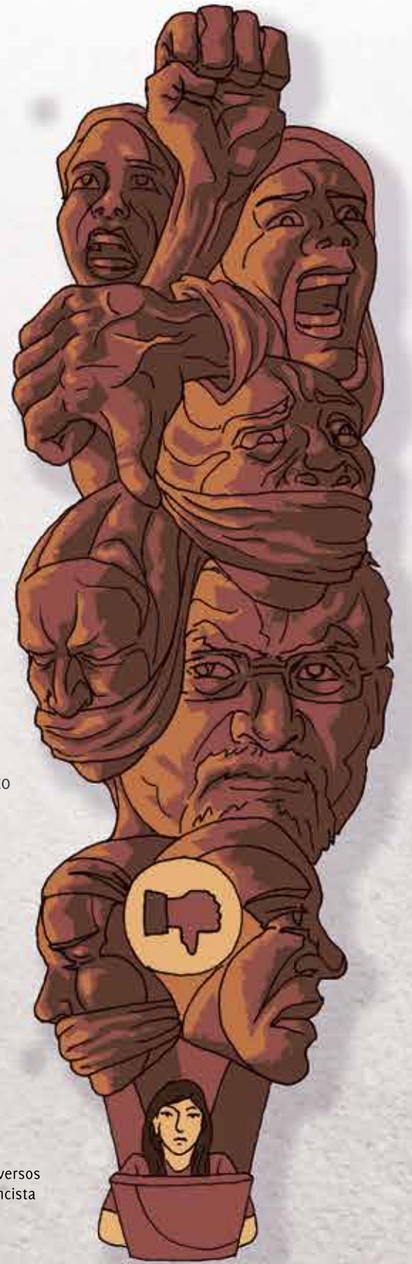
O título do livro de Rushdie alude a versos que, segundo uma lenda, teriam sido excluídos da versão final do Corão, livro sagrado dos muçulmanos. Assim como o cristianismo, a fé muçulmana defende a existência de um deus único; tais versos seriam "satânicos" por fazerem referência a outras três deusas, que teriam sido excluídas do livro sagrado a pedido do profeta Maomé.

Por considerarem esse relato uma blasfêmia, pessoas importantes do mundo islâmico se opuseram a Rushdie e seus escritos. O caso mais grave foi o do aiatolá Ruhollah Khomeini, que lançou uma *fatwa* (ou fátua, um pronunciamento oficial) conclamando a morte do escritor. Durante mais de uma década, ele precisou viver sob proteção policial e mudando constantemente de endereço para não ser assassinado.

Rushdie ficou perplexo com a repercussão, e sempre deixou claro que sua intenção era apenas abordar uma lenda de forma artística. "É bem difícil ficar ofendido por causa de um livro, você tem que se esforçar muito", declarou em 2012. "Quando se fecha o livro, ele perde o poder de ofender."

Hoje, seu caso é visto como exemplo de como seria um mundo sem qualquer liberdade de pensamento e expressão, onde a violência e a perseguição tomariam o lugar do debate civilizado.

#Salman Rushdie
(1947)
Escritor britânico nascido na Índia e agraciado com diversos prêmios internacionais por sua obra literária. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2014.



POR QUE
PRATICAR A TOLERÂNCIA?

Às vezes, temos a sensação de que as grandes transformações e a solução dos maiores problemas do lugar onde vivemos não está em nossas mãos; que tudo é decidido a portas fechadas por políticos, ricos e pessoas poderosas. Sentimo-nos impotentes, e até temos vontade de atirar a toalha.

Pode parecer estranho, mas há um motivo para que as coisas sejam assim. Parte da função de um estado democrático, como é o Brasil, é impedir que o país possa ter seu rumo alterado de acordo com as arbitrariedades de um único indivíduo, seja ele quem for.

Por outro lado, nossa democracia tem falhas a serem corrigidas, e a principal delas talvez seja o fato de que, em muitos dos processos políticos, o povo não tem qualquer participação. Se é importante que o país não pode ser sujeitado à vontade de indivíduos, é igualmente vital que a opinião desses indivíduos seja levada em conta.

Mas não são apenas as grandes decisões que transformam um país. Os pequenos atos do dia a dia, somados, transformam o mundo ao nosso redor, a sociedade onde vivemos, a cultura de nosso país. Essas transformações ocorrem através do que se chamam atos políticos, que podem ser muito pequenos, como colocar o lixo no lixo em vez de atirá-lo no chão, ou imensos, como dedicar boa parte de uma vida ao trabalho voluntário.

A prática da tolerância também é um ato político, além de uma ferramenta de transformação positiva. Em uma sociedade tolerante, a diversidade e o bem-estar têm maiores chances de aflorar, as pessoas se sentem mais seguras e experimentam uma maior liberdade para criar e inovar. A tolerância, portanto, além de ser um valor ético constituinte de nossa sociedade, também é um ato político.

COMO
PRATICAR E AGIR?

Vimos neste fascículo as principais manifestações de intolerância existentes. Conhecer estes fenômenos é importante para não compactuarmos com o ódio, a exclusão e a discriminação. As categorias de intolerância apresentadas aqui, contudo, não são as únicas prejudiciais ao convívio, apenas as mais extremas.

Não precisamos nos preocupar em determinar se um ato se encaixa ou não em uma determinada categoria de intolerância. Devemos, sim, buscar uma reflexão mais ampla. Humilhar um colega pelas roupas que ele decide usar, por causa de seu corpo ou por causa do lugar onde mora são atos de intolerância. Por menores que possam parecer, eles têm consequências muito graves para a autoestima e a dignidade de quem sofre com eles.

Como vimos, tolerância requer compreendermos o outro e nos colocarmos em seu lugar. Mas é importantíssimo frisar que nem tudo deve ser tolerado. Há práticas que são incompatíveis com os valores de nossa sociedade: racismo, homofobia, ditaduras, incitação da violência. São atos que ferem os direitos humanos – um termo muito criticado atualmente, porque é mal compreendido. Os direitos humanos são associados, por pessoas ignorantes ou mal-intencionadas, à prática de crimes. Na verdade, o termo "direitos humanos" se refere a um consenso internacional de que certas regras devem ser respeitadas por todas as pessoas na face da Terra. Ninguém deve ser humilhado, violentado ou assassinado, independentemente de quem seja. Isso é o mínimo. E é aí que se impõe um limite à tolerância: não é porque alguém discorda dessas diretrizes básicas que terá liberdade para violá-las. Permitir isso significaria um caos social, um retorno à barbárie e a impossibilidade da vida em sociedade.

Devemos lembrar que a chave para a tolerância é o diálogo. Tolerância não é apenas não agredir o outro fisicamente ou deixar de propagar mensagens de ódio. É aprender a ouvir, a apresentar nossas ideias de maneira menos radical e estar disposto a reconhecer nossos erros. É, em resumo, saber respeitar o outro como respeitamos a nós mesmos.

SUPERAR OS PRECONCEITOS

Como vimos antes, a liberdade de expressão não nos permite fazer ou dizer tudo o que quisermos.

É preciso respeitar alguns limites e, embora eles não sejam tão claros, há uma linha que jamais deve ser ultrapassada: a da violência e da discriminação.

Viver em um mundo de tolerância significa aceitar as diferenças e aprender a conviver com elas; afinal, a mesma liberdade que desejamos para o nosso modo de ser e pensar também vale para os outros. Aqui, conheceremos algumas das formas mais comuns de discriminação e intolerância, que devem ser combatidas.

RACISMO

Talvez a forma mais conhecida de discriminação (e possivelmente a mais embrenhada na sociedade brasileira), a intolerância racial ou racismo se dá em razão da cor da pele ou da origem étnica das outras pessoas.

São formas de racismo encarar pessoas de outras etnias como inferiores ou presumir determinados tipos de comportamento apenas em razão da cor de pele.

XENOFOBIA

Embora tenha se tornado mais comum em nosso mundo globalizado, a xenofobia é um fenômeno quase tão antigo quanto a existência de países e fronteiras. Em linhas gerais, o termo designa a aversão a pessoas ou manifestações culturais oriundas de outros países.

Não raro, os xenófobos atribuem aos imigrantes a culpa por problemas preexistentes ou que pouco têm a ver com a chegada de estrangeiros a um determinado território.

Atualmente, o fenômeno vem ganhando força na Europa.

HOMOFOBIA

Bastante discutida em tempos recentes, a homofobia é a discriminação motivada pela orientação sexual. Os casos de homossexuais atacados por desconhecidos apenas por serem homossexuais ganharam os jornais nos últimos anos.

Em alguns casos, esse tipo de discriminação também se manifesta por meio da restrição de oportunidades de emprego ou da participação em diferentes âmbitos da sociedade.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Como o próprio nome sugere, a intolerância religiosa é o ódio ou o preconceito em relação a pessoas de outras religiões ou que não possuem religião.

Ao longo dos séculos, muitas guerras já foram motivadas por essa razão e pessoas foram perseguidas por suas crenças em diversos lugares do mundo.

No Brasil, devido ao sincretismo religioso, essas manifestações são menos comuns – mas alguns casos são registrados todos os anos, provocados pela ignorância e a falta de informações.

DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO

A discriminação de gênero é aquela sofrida por mulheres pelo mero fato de serem mulheres. Suas expressões mais comuns são a violência doméstica e a disparidade salarial em relação a homens que ocupam cargos equivalentes – dois fenômenos bastante comuns no Brasil.

No entanto, se pensarmos que até mesmo o direito ao voto ou a ocupar cargos públicos era exclusividade dos homens há menos de cem anos, veremos que nossa sociedade já avançou bastante nesse aspecto.

VALORES E APRENDIZADOS

Desde pequenos, aprendemos o que é certo e o que é errado. Há coisas que mudam de uma família para outra: o horário de chegar em casa, ou o quão organizado o quarto deve ficar. Mas questões mais importantes tendem a ser igualmente ensinadas a todos: não bater nos outros, respeitar as pessoas, ir à escola todos os dias.

Essas regras gerais aprendidas se baseiam em valores morais. Eles são uma espécie de princípios que determinam o que é socialmente aceito: o mínimo que todos devemos cumprir para ter uma convivência harmoniosa na sociedade em que vivemos. Como são frutos do meio social, podem variar de um lugar para o outro. Por outro lado, há valores que são universais, como o respeito à vida e à dignidade. A **Declaração Universal dos Direitos Humanos** e muitos outros documentos e resoluções das Nações Unidas existem para garantir que eles sejam respeitados.

Ao longo da história, contudo, foram discutidos quais valores morais seriam mais apropriados a cada época. **Immanuel Kant** foi um dos principais nomes desse debate. Para ele, as regras do que é certo e errado seriam imutáveis, e deveríamos agir sempre de acordo com elas em qualquer lugar do mundo. Posteriormente, um grupo de filósofos chamados de utilitaristas, entre eles **Jeremy Bentham**, defendeu que a felicidade e a redução do sofrimento são o nosso maior objetivo, e por isso convém avaliar se as nossas ações são corretas ou não a partir desse referencial. Como em tantas outras questões na vida, o ideal parece ser o meio-termo: buscar a felicidade, mas sem nos guiarmos apenas pelos interesses pessoais – isto é, respeitando os valores de nossa sociedade e os direitos dos outros.

#Declaração Universal dos Direitos Humanos
Assinada em 1948, é um documento adotado pela Organização das Nações Unidas que consiste em 30 artigos. Serve de referência para a constituição e as leis de diversos países.

#Immanuel Kant
(1724-1804)
Filósofo prussiano, é considerado um dos filósofos mais influentes da filosofia moderna e contemporânea.

#Jeremy Benthan
(1748-1832)
Filósofo e jurista inglês que difundiu a teoria moral conhecida como "utilitarismo" ou "consequencialismo", segundo a qual deveríamos aprovar uma ação na medida em que ela aumentasse a felicidade das pessoas ou reduzisse seu sofrimento.

REVOLUÇÕES MORAIS

Pare um pouco e pense: quando contarmos para os nossos filhos e netos como o Brasil era em 2018, o que será motivo de vergonha e culpa?

Há várias respostas possíveis: a miséria provocada pela desigualdade social, os linchamentos públicos de pessoas acusadas de crimes que não cometeram, o tratamento desumano a que são submetidos os presos nas prisões do País.

Por que essa pergunta é tão pertinente? Esta é uma questão proposta pelo teórico **Kwame Anthony Appiah** e que nos faz perceber algo que nem sempre é óbvio: os valores morais também variam de acordo com a geografia e com o passar do tempo.

Fica mais fácil de entender se pegarmos um dos exemplos oferecidos por Appiah: antigamente, na China, todas as mulheres tinham os pés atados na infância para impedir o seu crescimento. Naquela sociedade, o ideal de beleza para uma mulher era ter pés pequenos e delicados, semelhantes a uma flor de lótus – independentemente dos danos que isso pudesse gerar à sua saúde. No século XIX, porém, frente ao repúdio de outros países em relação a essa prática, esse hábito desapareceu. E o mais curioso: o processo não levou mais do que 20 anos.

"Revolução moral" é o termo que Appiah utiliza para designar esse tipo de transformação: valores morais que, em períodos curtos, acabam passando por grandes mudanças. Outros exemplos seriam a abolição do tráfico de escravos a nível internacional, o fim de execuções em praças públicas etc.

Às vezes, há formas de injustiça que são toleradas dentro de nossa sociedade, mesmo diante da informação e dos recursos que hoje o mundo moderno nos possibilita.

#Kwane Anthony Appiah
(1954)
Especialista ganês em estudos culturais e literários, lecionou em universidades de diversos países. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

COMPAIXÃO NA PRÁTICA

Não vivemos em um mundo ideal. Se vivêssemos, não desperdiçaríamos nosso tempo discutindo como aprimorar a nossa sociedade e as relações diárias de convívio que travamos com outras pessoas. A verdade é que não é possível viver em um mundo ideal: por mais que trabalhemos para melhorá-lo, sempre haverá problemas e coisas que nos desagradam, e aceitar este fato é importante para aprendermos a lidar com nossas frustrações.

Um mundo perfeito é impossível, porque aquilo que se considera perfeito varia de uma pessoa para outra. Por isso, uma das grandes máximas que repetimos desde pequenos, "trate os outros como você gostaria de ser tratado", não serve como regra universal para todas as situações.

A escritora **Karen Armstrong** chama atenção para esse fato ao ressaltar que a compaixão é um exercício de alteridade, de se colocar no lugar do outro. Para ela, impor aos outros aquilo que acreditamos que será melhor para eles costuma ter consequências trágicas – até mesmo guerras. Nas palavras dela, ainda temos "muito tema de casa" por realizar para entendemos a melhor maneira de fazer política e nos relacionarmos no cotidiano.

E o que aprenderíamos se fizéssemos esses temas? Na opinião dela, o principal é aprender a ceder. Em vez de fazer aquilo que gostaríamos, devemos nos colocar no lugar do outro, descobrir sua história de vida e entender não apenas suas crenças políticas e econômicas (que, em nosso sistema de consumo, são muitas vezes encaradas como as mais relevantes), mas também religiosas e éticas. Armstrong acredita que esse exercício de combate ao egoísmo nos levaria a tolerar mesmo as pessoas de quem não gostamos, garantindo assim um ambiente melhor para os dois – algo mais próximo do que ambos concordariam ser um mundo ideal.

#Karen Armstrong
(1944)
Escritora britânica, criadora do Charter for Compassion – um manifesto que pede que pessoas de todas as etnias e religiões pratiquem a compaixão. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

VIDA: PROSA POÉTICA

O exercício da tolerância e a ideia de uma comunidade mais coesa passam, em grande parte, pelo entendimento de que não devemos guiar nossas vidas de forma egoísta. Não que jamais devamos pensar em nós mesmos ou em nossos interesses. Pensar em um mundo melhor para todos significa pensar no conjunto, mas também significa pensar que mundo poderia ser melhor para... nós mesmos!

Para **Edgar Morin**, é um equívoco encarar os âmbitos individual e coletivo como opostos. Na verdade, para desenvolvermos nossas vidas de forma plena, é importante trabalhar o coletivo. Morin evoca **Zygmunt Bauman** ao afirmar que precisamos de mais autonomia, mas também de mais comunidade.

Não é necessário ir longe para encontrarmos provas disso: nas grandes cidades, as rotinas parecem cada vez mais submetidas ao relógio. As pessoas correm de um lado para o outro em cotidianos agitados, mas repetitivos, que não raro trazem cansaço e frustração. Se todos vivemos assim, fica difícil encontrar tempo para refletir sobre o que queremos ou como tratamos os outros. Por isso, as transformações individuais dependem sempre de uma transformação coletiva.

PROSA E POESIA

Ao falar sobre duas facetas distintas da vida, Morin propõe uma metáfora literária. De um lado, existe a "prosa" da vida: é o texto mais denso, aquilo que somos obrigados a fazer, que nos aborrece, que nos entristece. Pode ser mais informativo do que prazeroso, mas são coisas de que dependemos para sobreviver. O trabalho diário seria um dos principais exemplos. Do outro, estaria a "poesia" da vida – aquilo que nos dá vontade de viver e que pode se expressar através do amor, da amizade, da comunhão, da diversão, da dança, do êxtase, das festas. Morin acredita que o segredo para uma vida feliz está no equilíbrio entre esses dois polos.

#Edgar Morin
(1921)
Sociólogo e filósofo francês, um dos últimos grandes intelectuais da época de ouro do pensamento francês do século XX. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* nos anos de 2008 e 2011.

#Zygmunt Bauman
(1925)
Sociólogo e escritor polonês, autor de mais de 20 livros publicados no Brasil e ao redor do mundo. Entrevistado do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2011.

Lições para PROMOVER A PAZ

Poucas pessoas sabem tão bem como travar uma guerra que não se quer lutar quanto **José Ramos-Horta**. Ele foi um dos grandes líderes dos rebeldes do Timor-Leste – um pequeno país da Oceania que, em 1975, apenas nove dias após se tornar independente de Portugal, foi invadido pela vizinha Indonésia. Ao longo de 24 anos, Ramos-Horta e seus soldados combateram em uma guerra que, se dependesse deles, jamais teria acontecido. Por isso, o Prêmio Nobel da Paz é extremamente capacitado para dar lições de como encerrar conflitos que se mostraram inevitáveis. Destacamos alguns de seus principais ensinamentos:

1 – Se seu inimigo é forte, não lute com a força

Os timorenses eram uma população de menos de 1 milhão de pessoas lutando contra outra de mais de 200 milhões. Sabiam que não poderiam vencer através do uso da força, e nem desejavam isso: o enfrentamento militar não era viável, pois deixaria muitos mortos e destroçaria o país. Por isso, Ramos-Horta recomendou que se utilizasse outra estratégia. Há outros meios de travar um embate: meios políticos, meios diplomáticos. Neles, destaca, a principal arma é a paciência.

2 – Não recorrer à violência contra civis

O jurista acredita que aqueles que se rebelam contra a tirania devem apresentar um comportamento digno. "Se nós recorremos à violência contra civis, estamos destruindo nossa própria consciência, nossa moral, nossos valores. E que sociedade vamos construir depois?", diz ele, opondo-se ao ataque contra cidadãos que não fazem parte do exército e, muitas vezes, nada têm a ver com o conflito. Segundo Ramos-Horta, nenhum civil indonésio foi morto durante a guerra. "Combater pela nossa liberdade não significa combater outro povo." Talvez por isso, hoje, os dois países têm ótimas relações.

#José Ramos-Horta
(1949)
Jurista timorense, Prêmio Nobel da Paz. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

3 – Fortalecer as instituições internacionais

Ramos-Horta acredita que a **ONU** está cada vez mais fragilizada. Todos os países concordam que uma reforma é necessária, mas há uma discordância quanto ao tipo de mudança que deve ser feita. Para os países do Terceiro Mundo, aponta ele, o ideal seria um maior equilíbrio no conselho de segurança: se todos os países tiverem lugar de fala em pé de igualdade, poderão denunciar situações como aquela imposta pela Indonésia sobre o Timor. Mas o timorense acredita que há pressões de outros países do Primeiro Mundo para que ela seja fragilizada, pois muitas vezes o interesse da maioria dos países pode ir contra as preferências do seleto grupo de poderosos.

4 – Combater a pobreza

Centenas de milhões de pessoas no mundo lutam em seu dia a dia para encontrar água limpa para beber, um teto para morar, alimentos para os filhos. Ramos-Horta observa que, enquanto não houver um equilíbrio de condições do mundo, teremos "viveiros de extremismo" – nos locais onde o ódio pelas condições de vida existe, a intolerância predomina. Por isso, combater a pobreza é uma questão não só ética e moral, mas estratégica.

5 – Saber influenciar pessoas importantes

Os meios de comunicação e a internet tornaram possível que o Timor, mesmo sendo uma nação pequena, chamasse atenção internacional para a sua situação. Tanto é que o país se libertou da ocupação indonésia em 1999, quando, após grande pressão internacional, foi convocado um referendo que levou à independência do país. Para Ramos-Horta, em um caso como o do Timor, são determinantes a coragem e a tenacidade de um povo. Mas só isso não basta: ele acredita que um povo deve ter líderes competentes, pois são eles que têm contato com pessoas importantes – e a chance de influenciá-las.

#ONU
Organização das Nações Unidas, criada para promover a cooperação internacional, que promove encontros regulares com os líderes de todos os países do mundo reconhecidos pela instituição.

Maneiras de Viver

O mundo atual está cada vez mais complexo. Todos os dias, somos expostos a uma quantidade de informações que seria inimaginável apenas algumas décadas atrás, quando ainda não havia internet ou telefones celulares. As coisas mudam constantemente, com novas tecnologias surgindo para substituir aquelas que eram novidade apenas há um ano. E o trabalho nunca foi tão especializado – às vezes, precisamos de muitos minutos para simplesmente entender a profissão de outra pessoa.

Um mundo com tantos detalhes e sempre em transformação permite novas maneiras de viver. Cada inovação representa também uma nova possibilidade de escolha, uma decisão a mais para tomarmos. Às vezes, isso nos deixa desnorteados: não é à toa que a ansiedade é uma enfermidade cada vez mais comum nas grandes cidades. Mas a verdade é que nenhuma geração anterior pôde escolher com tanta liberdade a maneira como viveria.

Será mesmo? Se pararmos para pensar, na prática as coisas não são bem assim: moradores de cidades em países e continentes diferentes parecem ter vidas e hábitos cada vez mais semelhantes: escutam as mesmas músicas, comem as mesmas coisas, assistem às mesmas séries de televisão. Em um cenário como esse, homogeneizado pelo consumo, o diferente é quase sempre visto com muitas ressalvas, e muitas pessoas se esforçam para se adequar ao padrão.

Este é um ambiente simpático à prática da intolerância não apenas de cunho étnico, religioso ou de gênero, mas também por motivos muito mais fúteis. Uma pessoa que não se adéqua a parâmetros de beleza, por exemplo, pode ser ofendida ou discriminada. Aqueles que não têm dinheiro para comprar roupas da moda se tornam excluídos em alguns grupos. E assim por diante.

Ninguém sai ganhando com isso. Contribuir para um ambiente onde as diferenças são respeitadas, e até mesmo valorizadas, permite que nós também experimentemos uma liberdade mais plena para sermos do modo que mais nos agrada. Um ambiente de respeito não apenas exige que respeitemos os outros; ele também garante que seremos respeitados.

Um Futuro Múltiplo

No futuro, precisaremos de um mundo capaz de abraçar o diferente: um mundo de múltiplos regimes políticos, crenças, sistemas econômicos e culturas. Esta é a crença de **John Gray**, que acredita que todos os projetos de civilização globais – aqueles que defendem a existência de um único modelo de sociedade capaz de ser aplicado no mundo inteiro – acabaram levando à violência.

"Uma das minhas crenças mais fortes é que a verdade a respeito do mundo humano não pode caber em uma única filosofia ou um único sistema de ideias", afirma Gray. "Chego a temer e suspeitar de qualquer projeto, seja ele intelectual ou político, que almeje unificar e harmonizar o pensamento humano ou a vida humana em um único sistema."

Por isso, o mundo do futuro (e também o do presente) não será marcado por um único modelo político, mas de muitos regimes. "Qualquer sonho de um sistema universal é uma ilusão", afirma o filósofo. E mesmo dentro de um único regime, haverá uma tendência ao **multiculturalismo**.

Portanto, o grande desafio dos líderes do futuro é encontrar uma maneira de viver em harmonia. Na verdade, é o mesmo desafio que vem acompanhando a civilização desde a sua origem. Em termos gerais, Gray aponta que a prioridade deve ser a busca do fim dos conflitos e a criação de redes de diálogo. Em vez de combater as diferenças, a chave está na criação de mecanismos que possibilitem seu equilíbrio.

#John Gray
(1948)
Filósofo britânico, conhecido por suas críticas ao humanismo e ao pensamento utópico. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2015.

#multiculturalismo
Termo que designa a existência de diversas culturas em um mesmo espaço geográfico em que ao menos uma delas é predominante. Críticos deste modelo apontam que ele pode representar uma ameaça à cultura nativa.

O outro que reside na semelhança

Muitas são as possibilidades de escolha. Vivemos em um mar de preferências. Então, o que aconteceria se trocássemos a lógica da homogeneidade pela heterogeneidade?

O respeito às diferenças

O sociólogo Zygmunt Bauman discute a questão da tolerância no contexto da justiça. Na busca de saber qual é a coisa certa a fazer, muitos acabam dizendo aos outros que "estão em erro e, portanto, devem mudar de opinião". Esse comportamento é, no entanto, uma maneira de confirmar a superioridade daquele que "indica" o erro e concede a ele um certo direito de comando. Esta lógica da homogeneidade, em sua dimensão radical, esteve presente nos projetos totalitários, como o Nazismo.

A verdade aparece como uma relação social, pois mostra a hierarquia constituída, a dominação ou a pretensão de dominar por meio da hegemonia, ou seja, por uma mesma verdade (ditada pelos superiores) para todos. Bauman ressalta que, ao buscar a universalização, mais diferenças surgiram. Os sólidos referenciais morais do passado cederam lugar ao líquido e ao volátil. Para o sociólogo, a nossa época atual é representada por essa modernidade líquida, com muita incerteza e insegurança sobre tudo.

Há mais diferença que igualdade em nossa cultura. A tarefa de encontrar ou impor verdades universais apenas mostrou o quanto ela é impossível. Os questionamentos de Michael Sandel são muito complexos, e precisamos ir além da tolerância.

O respeito às diferenças, como o ideal democrático, pertence ao que há de mais generoso na tradição cultural ocidental. A mesma tradição que apresentou a ideia subversiva de que há direitos que dizem respeito à condição humana e que, portanto, devem ser respeitados de forma incondicional por todos (e para todos) os seres humanos. Democracia, tolerância e direitos humanos são valores universais, além de princípios e ideias reguladoras que funcionam como evidências da razão. É preciso reconhecer as diferenças, mas sem esquecer que os seres humanos não são tão diferentes ao ponto de não poderem ser tratados com os mesmos valores de respeito, consideração e não violência.

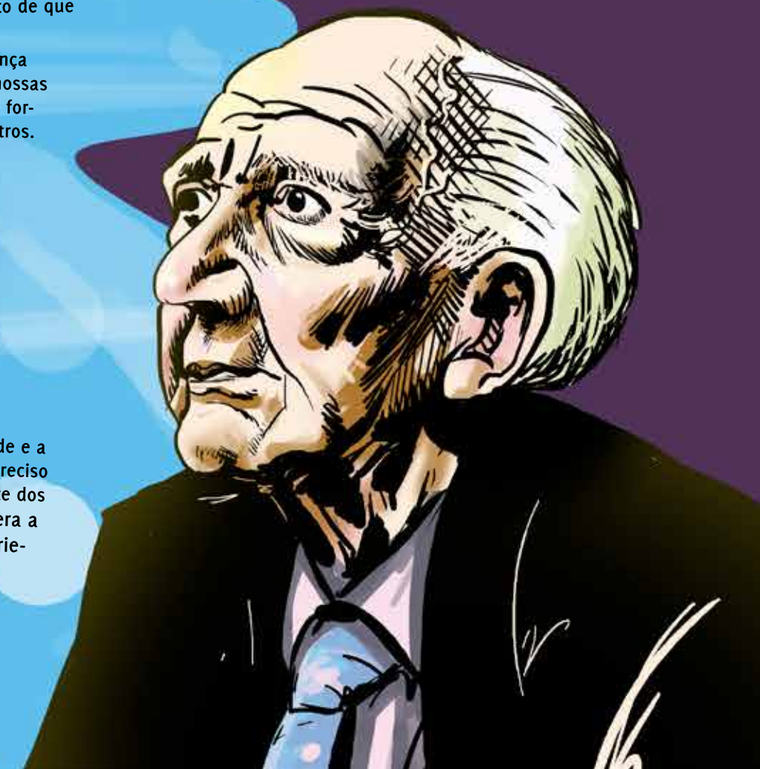
Tolerar pode significar indiferença. O outro está lá e não posso mudá-lo, portanto o tolero, mantendo uma coexistência suportável. Mas, ao se partir do pressuposto de que

somos todos diferentes, é justamente na diferença que residirá nossa semelhança. O respeito às nossas próprias diferenças só poderá ser alcançado se formos capazes de respeitar as diferenças dos outros.

No entanto, exemplos de intolerância, como o racismo, a homofobia, o machismo, entre outras posturas que humilham ou depreciam as pessoas, são diferenças que não devem ser toleradas. Nas democracias modernas, há leis que procuram garantir os direitos de todos, exatamente para que as violações não

sejam aceitas.

Para viver a igualdade, a liberdade e a fraternidade, nesse contexto, é preciso assumir a responsabilidade diante dos demais. Responsabilidade supera a indiferença e nos leva à solidariedade.



Anotações

Banco de palavras

tolerância – diferenças – conflitos – convivência – natureza – intolerância – desafios – violência – discriminação – exclusão – preconceito – igualdade – sociabilidade – justiça – coesão social – liberdade de expressão – migração – fronteiras – compaixão – paz – futuro – transformação

Fronteiras Educação

Projeto cultural múltiplo e consagrado, o ***Fronteiras do Pensamento*** realiza conferências internacionais que servem como plataforma para a criação de vários conteúdos, direcionados a diferentes públicos e desenvolvidos em diferentes formatos. Uma parte significativa deste material está disponível em seu canal digital no endereço www.fronteiras.com.

O ***Fronteiras Educação*** é o módulo educacional do projeto, e foi idealizado para servir como um espaço de diálogo com os alunos e seus professores. Por meio de fascículos e de aulas especiais, promove bate-papos sobre alguns temas-chave essenciais para compreender o cenário contemporâneo, apresentando as ideias dos convidados internacionais que participam do ***Fronteiras***.

O objetivo é debater os paradigmas, os problemas e as possibilidades da sociedade atual, apontando para avanços no futuro e construindo uma sociedade em que todos tenham sua dignidade reconhecida. É este o sentido do ***Fronteiras Educação***: oferecer aos jovens os melhores recursos para que possam compreender as questões da atualidade e, a partir delas, construir um mundo mais solidário, tolerante e sustentável.

Em 2018, o projeto entra em seu nono ano no Rio Grande do Sul e primeiro ano em São Paulo, contabilizando nas edições anteriores mais de duas dezenas de fascículos elaborados e quase 35 mil alunos participantes.

Fronteiras do Pensamento©

PLANEJAMENTO CULTURAL
Telos Empreendimentos Culturais

REALIZAÇÃO
Grupo RBS

CURADORIA
Fernando Schüler

DIREÇÃO COMERCIAL
Pedro Longhi

Fronteiras Educação©

COORDENAÇÃO-GERAL
Francisco de Azeredo

EDIÇÃO
Luciana Thomé

CONCEPÇÃO
Sandra de Deus – Pró-reitora de Extensão da UFRGS
Francisco Marshall – Professor do Departamento de História da UFRGS

CONSULTORA PEDAGÓGICA
Joana Bosak

TEXTOS
Bruno Mattos – Jornalista, tradutor e escritor

CONSULTORES E REVISORES ACADÊMICOS DO FASCÍCULO
Marcos Rolim – Jornalista, doutor em Sociologia e professor no Centro Universitário Metodista (IPA)
Felipe Pimentel – Historiador, psicanalista e professor

PRODUÇÃO E RELACIONAMENTO
Denise Donicht

PESQUISA
Juliana Szabluk
Karina Roman
Luis Fabiano Oliveira
Michele Marten

ILUSTRAÇÕES, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Canhotorium Arte Aplicada (www.canhotorium.com.br)

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Renato Deitos

AGRADECIMENTOS
João Ruy Freire – Braskem
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre
Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre

Acesse o *site*

www.fronteiras.com

www.fronteiras.com/educacional

Você, que faz parte da “Geração Z”, é sujeito e protagonista do mundo no século XXI, com amplo acesso a todos os caminhos da informação. Com a internet e os meios digitais, os relacionamentos, o conhecimento e a educação ganharam um novo cenário. Isso potencializa as oportunidades para que você aprenda e aja para melhorar o mundo, do seu ambiente familiar à nação, do seu bairro ao globo conectado.

Ao se buscar a igualdade e a inclusão, atuamos para que a humanidade possa caminhar na direção de um futuro digno para todos. O mundo digital diminuiu as distâncias e nos aproximou. E, também, é dele que pode surgir uma nova e necessária rede de solidariedade capaz de mudar o mundo.

APRESENTAÇÃO:

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

ProacSP

Braskem

REALIZAÇÃO:

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

Unibes Cultural

Unibes

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL